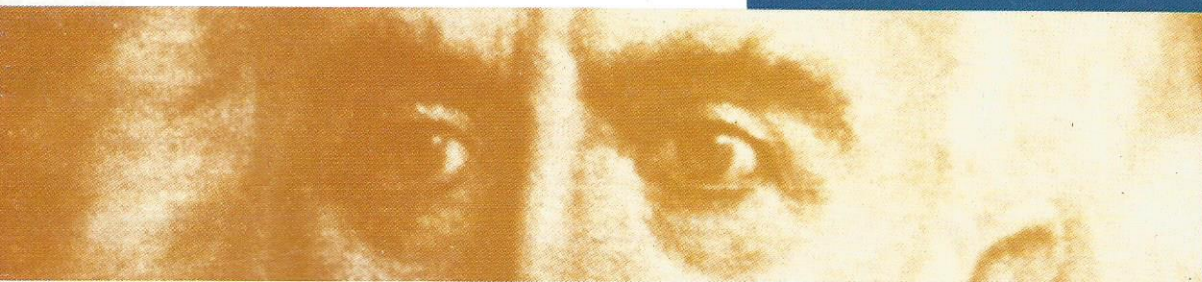


Edição Especial

similia

Revista de Homeopatia

Setembro de 2000



Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo Benoit Mure

Galvão: Vida e Obra

Expediente

Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo Benoit Mure

Similia • Revista de Homeopatia

Fundadores: David Castro (02/05/1915–05/10/1980) - George Washington Galvão Nogueira (29/07/1940–19/04/2000)

Conselho Editorial:

Adeli de Lourdes Ferreira
 Adriana de Queiroz S. Bufallo
 Adriano Castiglioni
 Alexandre A. Barreto
 Anélio Dias do Nascimento Jr.
 Charlotte A. Ritschel
 Eduardo Takeyama
 Fábio José Galvão Nogueira
 Fabíola Proni
 Luciano de C. Galvão Nogueira
 Luiz Hirata
 Marcelo de C. Galvão Nogueira
 Marcelo Perin
 Márcia Soares Marcondes
 Mário Ferrara Jr.
 Paulo S. Jordão Daruiche
 Priscilla de Oliveira Netto
 Renata Lemonica
 Ricardo Martins Ouchi
 Selma de Fátima Silva Canôas
 Sylvio Antonio Mollo
 Tarcizio Basílio de Freitas
 Vagner Doja Barnabé
 Walter Swain Canôas
 Yiu Takabayashi

Colaboradores desta Edição:

Margarida Maria Vieira
 Célia de Vasconcelos Koermandy
 Redação: GEHSP Benoit Mure
 R. Conselheiro Saraiva 388 - Santana
 S. Paulo - SP - CEP 02038-010
 (0XX11) 6973.3011 / 6973.3271
 E-mails: similia@uol.com.br
 vismedicatrix@ig.com.br

Jornalista Responsável:

Rafic Ayoub - MTB 11.692
 Edição: Jussara Lupoli
 Designer Gráfico: Mario Gagliardi
 Editoração Eletrônica: Marcio Pires

Produção Editorial:

Raphic Comunicações
 E-mail: raphicom@sol.com.br

Editorial

Sapere Aude

Sapere Aude - foi a bandeira de uma revolução que buscava iluminar o mundo. Tomado para si por Samuel Hahnemann, representou bem a postura, de dentro para fora, que deveria nortear todos os que quisessem encontrar-se com a verdadeira Arte de Curar. Esse sentimento que pode ser traduzido por *ouse para ser sábio* - tenha a coragem de usar teu próprio entendimento - nas palavras de I. Kant - foi o propulsor de todos aqueles que seguiram o Mestre, de Stapf, de Boenninghausen, de Benoit Mure e João Vicente Martins, de Hering e Kent, de Galhardo, Resende Filho e David Castro - e na esteira destes grandes discípulos, George W. Galvão Nogueira que tem em folha de serviços prestados à Homeopatia, em pouco mais de 20 anos de trabalho, raras vezes comparada na história em termos de luta, de pureza doutrinária e acima de tudo de uma clínica profundamente humanística que somente aqueles que passaram por seu consultório podem saber, consultório que foi um templo, pois para ele a medicina era (é) um sacerdócio.

Dos trabalhos mais marcantes podemos destacar:

- Continuação da tarefa de divulgação da Homeopatia de D. Castro; - Imunização com *Meningococcinum* na epidemia de meningite de 1974 - 1975 em Guaratinguetá - São Paulo; - Vice-presidente da Liga Médica Homeopática Internacional pelo Brasil em 1977; - Em 1977, torna-se o primeiro Diretor Clínico do Ambulatório da APH; - Criação do Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo Benoit Mure; - Introduz em 1978 a escala cinqüenta milésimal que trouxe do México; - Em 1980 idealiza e cria a Farmácia Homeopática Bento Mure, junto com David Castro; - Em 1981 funda em nome do Grupo Benoit Mure o Centro Médico de São Paulo David Castro; - Assume a reedição da sexta edição alemã do Organon; - Em 1983 escreve Estudos de Matéria Médica Homeopática; - Em 1984 dirige e revisa a tradução do Doenças Crônicas; - Em 1986 organiza e publica Doutrina Médica Homeopática; - Participação marcante em todos os Congressos Brasileiros e Regionais de Homeopatia; - De 1986 até 2000, manteve-se na direção do Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo "Benoit Mure", mantendo os cursos de formação para médicos, dentistas, veterinários, etc., e para leigos.

Caro médico, mestre e amigo, assim como você continuou a tarefa de David Castro, tencionamos continuar a sua, mantendo uma corrente que vem desde Hahnemann. A bandeira continua hasteada alto no Grupo que você formou em conhecimento e sentimento, e continuará alta a mostrar a mesma pureza e certeza de que fora da Homeopatia de Hahnemann não há salvação - Sapere Aude!!

Índice

As Obras Básicas de Hahnemann

Página 02

A Busca dos Miasmas

Página 02

Benoit Mure: Uma Farmácia Moderna

Página 03

A Verdade de Galvão

Páginas 04, 05, 06, 07, 08, 09 e 10

Agravação Homeopática

Páginas 11 e 12

Centro Médico Homeopático David Castro

Páginas 13 e 14

Prof. Maffei Referenda o Centro Médico

Página 14

Homenagens

Páginas 15 e 16

As Obras Básicas de Hahnemann

O primeiro passo importante que veio definir o perfil médico, científico e filosófico do Dr. Galvão foi a criação e implantação de um serviço médico de urgências. O segundo passo, que marcou mais fundo sua caminhada, foi a visão e a prática da estrita doutrina hahnemanniana sobre a natureza peculiar e a cura das doenças crônicas. “A tradução e a publicação desta obra de Hahnemann, *Doenças Crônicas*, é tão importante neste momento quanto o foi a tradução e a publicação da 6ª edição do *Organon da Arte de Curar*, feita em 1962, por um pequeno grupo de homeopatas sob a coordenação e o incentivo de Rezende Filho e David Castro”.

Quando o Dr. Galvão leu em inglês a obra *Doenças Crônicas*, percebeu a simplicidade e profundidade que ali havia, quando comparada às distorções e complicações das interpretações das várias “escolas homeopáticas” (mexicana, argentina, kentista, etc.). Como era característico do seu caráter, assim que identificava um erro, movia-se determinado a revê-lo e corrigi-lo. Pensado e feito. Organizou-se, sob sua “coordenação e incentivo”, um grupo de membros do Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo Benoit Mure, para a tradução a partir das edições em inglês e alemão, com a participação decisiva da Prof. Célia de Vasconcelos Koermandy, que revisou a tradução a partir do original alemão da 2ª edição de 1835. A 1ª edição brasileira veio à luz em julho/84, com cuidado de estar o mais próximo possível do original hahnemanniano, quanto a conteúdo, forma e estilo.

O mesmo trabalho foi mantido quanto ao *Organon da Arte de Curar* – sob a sua orientação e revisão final, conferimos palavra a palavra direto do alemão para a segunda edição de 1995 – seguramente a mais perfeita já editada em língua portuguesa.

Todo esse esmero nessas edições tem uma razão: qualquer formação em homeopatia, deve necessariamente passar por um estudo detalhado e profundo das obras básicas de Hahnemann: o *Organon* e *Doenças Crônicas* – o único antídoto contra as incursões fantasiosas, com resultados clínicos duvidosos, enveredadas por muitos dos que se autointitularam discípulos de Hahnemann, e que mais não fizeram senão prestar um desserviço à homeopatia e, portanto, à humanidade sofredora.

A postura básica do Dr. Galvão como mestre e clínico sempre foi a de apreender, ensinar e praticar o mais fielmente possível a doutrina hahnemanniana, postura que ele soube marcar fundo na alma daqueles que o ouviram com ouvidos de ouvir e também se encantaram com a simplicidade e beleza da medicina do mestre de Meissen.

A Busca dos Miasmas

“Certamente de uma forma comum a muitos homeopatas, também nós em São Paulo passamos, durante anos de nossa vida profissional, por uma evolução que foi desde um estado inicial de perplexidade, como antigos alopatas frente à ampla possibilidade da terapêutica homeopática, até uma compreensão mais profunda do conceito de cura e, com isso, à visão da limitação homeopática. Em seguida, uma nova condição de perplexidade, frente à profundidade dos conceitos de Medicina expostos por Hahnemann nas *Doenças Crônicas*, principalmente quando vistos pelo prisma dos conceitos de patologia da escola de Maffei.

Nessa evolução, passamos de um exercício quase alopático da Homeopatia com o emprego simples da Lei dos Semelhantes, às escolas miasmáticas latino-americanas de Ortega e Paschero. Sempre orientados pela visão firme de mestre do Prof. David Castro, pudemos nos aplicar cuidadosamente ao estudo destas escolas, e foram cerca de quatro anos de grandes descobertas e de muitas satisfações pelo fascínio que ambas as formações nos exerceram.

A partir de maio de 1979 as observações clínicas se fizeram com maior rigor, pois data de então o início do funcionamento do Pronto Socorro Homeopático de São Paulo, onde pudemos acompanhar melhor toda a problemática dos casos agudos ocorridos com nossos pacientes crônicos. Novamente púnhamos em cheque, pelos resultados observados no serviço de Urgência e pela evolução a longo prazo dos clientes crônicos, os conceitos homeopáticos então seguidos, mesmo porque nossa leitura de Margareth Tyler e a orientação de David Castro nos guiavam em outro sentido. Daí nasceu a necessidade do reestudo de Hahnemann”.

G. W. Galvão Nogueira

Bento Mure: Uma Farmácia Moderna

“... Assim, a homeopatia é um sistema médico perfeitamente simples, sempre fixo nos princípios e na prática. Esta última, se corretamente apreendida, será exclusiva (e só assim útil), como a doutrina em que se baseia. Assim como a doutrina deve aceitar-se na sua pureza, assim também deve ser praticada puramente: todo o extravio, de volta à perniciososa rotina da velha escola (tão oposta a lua como o dia da noite) é totalmente inadmissível, do contrário deixa de merecer o honroso nome de Homeopatia”.

Prefácio da 5ª edição do ORGANON

Em cinco de junho de 1980, reuniram-se os médicos A. A. Rezende Filho, A. Brickmann, David Castro, George W. Galvão Nogueira, outros médicos e homeopatas; em torno de um ideal: inaugurar uma farmácia que produzisse medicamentos dentro dos padrões rígidos estabelecidos por Samuel Hahnemann. Assim nasceu a Farmácia Homeopática “Bento Mure”. Este então, não foi fruto de um trabalho empírico, mas sim de experiência edificada nos sólidos conhecimentos do Dr. David Castro que, por iniciativa do Dr. Galvão, desde 1978 em seu consultório, vinha orientando a produção de medicamentos da mais alta precisão hahnemanniana, pelas mãos de Dona Mariana de Carvalho. Esta era uma farmácia moderna, sempre atualizando-se por estudos e pesquisas voltados para a obra de Hahnemann, estudos estes respaldados nos médicos e homeopatas acima citados, os quais dedicaram suas vidas ao ideal homeopático.

“Hoje como há cem anos, ele (Hahnemann), segura em uma das mãos o passado, na outra o futuro da realização médica”...

Pemperton Dudle M.D. Filadélfia, 1896

Assim surgiram trabalhos que resultaram em técnicas novas, principalmente no que se refere ao controle de qualidade por fases de produção que, por exemplo, estabelece a impregnação medicamentosa por contaminação dos veículos (glóbulos) no próprio frasco usado para o avião; evitando a contaminação do ambiente físico, o que certamente ocorreria por quaisquer outros métodos (embebição, impregnação tríplice!) quando se trata de produção em grande escala. Pesquisas que nos levaram à



Farmácia Homeopática Bento Mure

preparação de medicamentos na escala 50 milesimal, técnica ainda desconhecida no Brasil, escala esta introduzida no Brasil pelo Dr. Galvão em 1977 com medicamentos já prontos em potências definidas segundo a experiência do Dr. Ortega, no México. Estudos quanto ao número de succussões na escala centesimal chegando à conclusão que deve ser de 100 e não de duas ou dez até então usadas no Brasil. Muitos outros trabalhos foram feitos sempre procurando-se aproximar o máximo possível, as técnicas utilizadas, àquelas estabelecidas pelo sábio de Meissen. Decorridos 20 anos da inauguração da Farmácia Bento Mure, esta continua sendo uma farmácia moderna? Só podemos responder com um não.

O que vem a ser uma farmácia moderna nos dias de hoje? Farmácia moderna nos dias de hoje são aquelas que desenvolvem técnicas, procedimentos e trabalhos (manuais de normas técnicas!), para justificá-los, cada vez mais distantes daqueles estabelecidos por Hahnemann, a ponto destes se tornarem contrários aos princípios da Doutrina Homeopática. Então agora, são preparadas em suas farmácias de “omeopatia”, medicamentos feitos por succussões mecânicas (CH!) o uso de balanças eletrônicas e computador no laboratório, iluminação feita por lâmpadas fluorescentes, triturações a partir de TM para o preparo das 50 Miliesimais, formas farmacêuticas de Uso Externo tais como pomadas, géis, cremes, talcos (feitos com medicamentos dinamizados!); são preparados complexos, manipulação de fórmulas (alopáticas) etc... sob a alegação de seus responsáveis, muitas vezes respaldados em doutores “omeopatas”, antigos e modernos, de que “Hahnemann está ultrapassado”, ou de que “não se deve ser radical a ponto de se incorporar Hahnemann”, ou de que “sem tais procedimentos uma farmácia não é sustentável”. Esses “omeopatas” formam grupos que se constituem em verdadeiras oligarquias burras (desonestas?), que se põe a campo travando uma acirrada competição para ver quem presta o maior desserviço à Homeopatia. Modernizaram-se tanto que suas farmácias se tornaram farmácias de manipulação.

Realmente a Farmácia Bento Mure não pode ser considerada mais como uma farmácia moderna, mas ainda pode se vangloriar de possuir o nome honroso da Homeopatia e ser chamada de Farmácia Homeopática, não moderna, mas sim, atual, pois está firmemente fundamentada nos princípios verdadeiros e, portanto, eternos, que constituem a Doutrina Homeopática.

A Verdade de Galvão

*O Dr. Galvão
fala a estudantes de
Medicina sobre o que considera ser
médico e como vê e vive a
clínica homeopática, relacionando os
conhecimentos de Hipócrates,
Hahnemann e Maffei.*

Meu nome é Galvão e eu não sou professor, sou médico homeopata e, aliás, como professor eu conheço pouca gente; das pessoas que eu conheço, de todas as que eu conheço, talvez somente o Prof. Maffei.

A minha experiência não é uma experiência didática, é uma experiência clínica e essencialmente uma experiência **clínica em homeopatia**, então eu não sei essa medicina que se faz por aí, não sei falar sobre ela, não sei responder perguntas sobre ela, não sei fazer diagnóstico. Eu passei pela cadeira de semiologia porque coleí, eu passei na segunda época de dependência.

Se não fosse assim eu não seria médico e aí, talvez fosse uma sorte para a humanidade porque eu não estaria fazendo tão mal aos clientes quanto eu faço. Essas coisas eu digo sério, não digo brincando não. É muito sério. E eu começo dizendo isso porque a gente precisa refletir muito quando está no curso de medicina. Se realmente quer ser médico, ou se quer andar de branco bonitinho. Ou seja, se o que nós procuramos realmente é o exercício da medicina ou um status de vida.

O Maffei dizia uma coisa: "Ou se faz Medicina, ou se ganha dinheiro". Porque se for ganhar dinheiro, não é preciso ser médico. Ganhar dinheiro se ganha muito mais fácil, com menos responsabilidade fora da medicina.

O status hoje está muito ruim, não é? O status de médico hoje está péssimo, viu! Então também não vale a pena... então a gente procura ser médico por outras razões. E para entender as razões pelas quais se busca a medicina é que a gente tem que começar a entender a si mesmo.



Dr. George Washington Galvão Nogueira

Homeopatia, Medicina da Maturidade

O curso de medicina devia ser dado depois dos 35 - 40 anos de idade, depois que as pessoas tivessem refletido muito sobre a própria vida, entendido um pouco do seu próprio interior, tido uma larga experiência da vivência, e aí então, se dariam uns toquezinhos de técnica.

Eu acho que dá para formar um médico em, mais ou menos, 6 meses de curso para quem já tem alguma experiência. E não adianta querer formar em 6 anos alguém que está começando ainda a viver. Essas coisas todas são assim meio chatas de serem ditas, mas precisa que vocês reflitam muito. A Homeopatia é uma medicina da maturidade do indivíduo; assim como a filosofia é uma arte de viver a maturidade; assim como o sacerdócio é uma arte da relação com o transcendental para quem está mais maduro. Até há muito pouco tempo na igreja católica o padre só poderia ser padre mesmo, exercer o sacerdócio, aos 32 anos de idade.

Era a idade inclusive para ser senador da República e isso se perdeu um pouco, e as pessoas se esqueceram um pouco, e hoje tem padre por aí com 22, 23 anos, fazendo coisas que não estão de acordo com o sacerdócio, como tem médico com 23, 24 anos, inexperientes, sem vivência, e não se coaduna com o exercício da medicina.

Talvez vocês não aceitem muito estas coisas, mas vocês vão sentir com a vida que é assim.

“É isso que é a vida e é isso que se espera do médico; uma pessoa honesta, muito trabalhadora, muito dedicada, uma pessoa razoavelmente inteligente, muito estudiosa, muito amadurecida, e que possa, então, com alguma lógica e com alguma boa vontade, correr, até a sua morte, em busca da verdade”.

A mitologia é uma maneira de se transmitir os conhecimentos mais profundos da humanidade, não é? Alguns de vocês já terão lido, outros já terão ouvido falar, por exemplo, na Odisséia. A Odisséia é exatamente isso.

De repente mostra um Ulisses muito moço, muito imaturo, distante da mulher, distante do seu filho, e que vai a sua luta, seu combate, sua guerra e passa uma série de dificuldades, uma série de vivências e, de repente, volta e encontra a mulher numa fase mais madura, uma mulher que a gente imagina com 35, 40 anos de idade, reencontra o filho com 21 anos de idade mais ou menos e procura, então, daí para diante ser aquele marido, aquele pai, aquele companheiro, aquele cidadão que se imaginaria ser quando ele iniciou a sua vida.

Galvão e o Prof. Maffei

Eu convivo com o Prof. Maffei desde 1963. E fiz esta faculdade aqui só assistindo as aulas do Maffei. As outras aulas eu não ia. As colegas... eu tinha 10 colegas na classe e todas gostavam de mim... é que eu tinha cabelo, era mais bonito, então elas assinavam para mim. E graças a isso, eu fui passando de ano. Mas eu nunca perdi uma aula do Maffei. Desde que eu terminei o meu 1º ano. Porque no 1º ano eu só me perverti e joguei baralho, não fiz mais nada. E do 2º ano em diante eu assisti a todas as aulas do Maffei e a todas as autópsias, e consegui com isso entender um pouco do que ele queria transmitir. Até hoje, não consegui entender plenamente, e acho que nem a maior parte da Doutrina Médica do Prof. Maffei. A cada ano eu me pego entendendo alguma coisa nova. A maneira do Prof. Maffei entender a medicina é uma maneira peculiar, diferente, completamente diferente da maneira de ser entendida pelos demais, pela medicina comum que nós vemos por aí. Vai desde a maneira de entender a ação dos medicamentos, até a própria patologia, até a maneira pela qual se desenvolvem as doenças ou, se quisermos usar um termo mais correto, as moléstias, porque existe uma diferença entre doença e moléstia.

A medicina comum é uma maneira de pensamento que veio se modificando do conhecimento grego clássico até os nossos dias intensamente, principalmente pelo pensamento cristão. E nós queremos hoje relacionar Maffei, Hipócrates e Hahnemann.

Hipócrates, Hahnemann e Maffei

Hipócrates é conhecido como o pai da medicina. Viveu aproximadamente 500 anos antes de Cristo, mais ou menos em 480 A.C., e na época áurea do pensamento grego. Existe todo um conhecimento Hipocrático, um conhecimento do pensamento de Hipócrates, que chegou até nós através de numerosas obras, cerca de 80 obras, das quais umas 4 ou 5 parecem ser realmente de sua autoria. As demais, são obras hipocráticas, ou seja, feitas de acordo com o pensamento Hipocrático.

Hipócrates tinha um estudo e um pensamento a respeito da origem das doenças, à respeito da cura das doenças e do tratamento das doenças. Ele coloca muito claramente o entendimento que a doença se desenvolvia segundo a individualidade, uma predisposição, que lhe pareceu claramente hereditária. Portanto, é exatamente ali que nós poderíamos entender hoje, de alguma forma, a medicina geral e que entendemos exatamente como o pensamento do Prof. Maffei. Sobre a cura da doença, ele entendia que o organismo buscava sempre contrapor a uma determinada ação uma outra ação diferente para com isto reequilibrar-se, buscar sempre uma nova condição de equilíbrio.

Dentro, portanto, da origem, como da cura, ele via com grande importância a relação do indivíduo com o meio e a

relação do indivíduo consigo mesmo. Então, como fatores desencadeantes dos processos, o próprio indivíduo, ele mesmo é capaz de reagir de uma determinada forma por más formações congênicas intra-útero, ou por uma hereditariedade, ou pelas duas coisas, mas graças a injunções de sua relação com o meio ambiente. Isto não é mais do que nós colocamos hoje, como dizia o Prof. Maffei, da relação da hereditariedade e da genética. Genética, como vocês já sabem, significa o estudo da hereditariedade, ou a condição da hereditariedade no meio. Ética é uma palavra grega que tem também o significado de meio, por isso nós falamos de ética moral, ou moral. Então, a ética é um meio, é um gen dentro de um meio. Ou, a hereditariedade dentro de um meio. Ou seja, é a relação do gen, ou da potencialidade hereditária com o meio ambiente, seja ele o meio gênico que é a relação da própria genética, ou seja, dos próprios genes entre si, um tendo ação sobre o outro. Como a relação destes gens com o meio que vão permitir ou não um fenótipo, que vão fazer com que apareça ou não uma determinada potencialidade que se transforma ou não em ato. Então, a genética é que lhe permite que a potencialidade se transforme em ato.

Isto era o pensamento de Hipócrates e é o pensamento de Maffei. Então, quando alguém diz assim: "ele tem uma determinada patologia porque ele é alcoólatra". Isso é uma besteira, porque o álcool não vai fazer mal para ninguém, isso é uma grande besteira. Mas se o indivíduo tiver uma sensibilidade, se o indivíduo tiver uma genética, uma hereditariedade propícia para o desenvolvimento de certas patologias, independentemente do álcool, do fumo ou de qualquer outra coisa, mas dependendo de outras condições ou interações genéticas, ele vai desenvolver ou descompensar a patologia.

O fígado do cirrótico, por exemplo. O indivíduo nasce com a cirrose. Ele não fica cirrótico porque ele bebeu, mas se nós formos na medicina, ela inteirinha vai dizer que o indivíduo ficou cirrótico porque ele bebeu. E vai encontrar uma explicação qualquer para o recém-nascido que tem cirrose. Isso é hereditário. Como a epilepsia. O indivíduo vai ter epilepsia, não porque ele bateu a cabeça, não porque ele levou um susto, por nada disso. Ele tem epilepsia porque nasceu epilético. Ele vai manter o seu equilíbrio ou modificar o seu equilíbrio, levando ou não a uma sintomatologia diferente daquela que nasceu, conforme as suas relações com o meio. Mas ele já nasceu epilético. Isto está de uma forma magistral em Hipócrates, que 500 anos antes de Cristo foi capaz de descrever a epilepsia, (que era considerada como doença dos deuses, uma doença divina), até nos detalhes da própria mal formação cerebral, exatamente como é colocado pelo Maffei. Exatamente da mesma forma, praticamente com as mesmas palavras. E isto 500 anos antes de Cristo. Nessa evolução da medicina de Hipócrates, ela sofreu uma série de injunções históricas, inclusive com uma influência posterior muito grande da Europa das invasões árabes e preparando filosoficamente o caminho com o pensamento de alguns grego-romanos. Porque, no final, um pouco antes do nascimento de Cristo, a Grécia estava sob o domínio militar de Roma. Lá, os gregos eram, de certa forma, cidadãos romanos, e os filósofos dessa última fase da Grécia se confundem com os filósofos romanos, os pensadores romanos. E daí nasce uma resposta médica ao pensamento cristão. No pensamento cristão, o indivíduo é feito à imagem de Deus. Então, ele é um indivíduo perfeito. Se ele é a

imagem de quem é perfeito, então ele é perfeito. Eu nasci perfeito, eu sou perfeito. Se sou perfeito e estou doente, se eu nasci perfeito e estou imperfeito, por que eu estou imperfeito? Porque alguma coisa de fora para dentro me atingiu. Alguma coisa de fora para dentro conspurcou a minha perfeição. Porque alguma coisa de fora para dentro me desequilibrou dentro da minha perfeição. Que é a noção cristã do pecado. Então, de repente, eu preciso fazer uma penitência, eu preciso rezar, eu preciso fazer uma proposição de vida, para limpar a minha alma, que é perfeita. Porque ela é a imagem de Cristo, de Deus. Então, se eu faço isso eu me limpo, eu limpo. Eu limpo a minha alma e me torno novamente semelhante a Deus. Perfeito. Ora, como é que eu, filho de Deus, posso nascer com um fígado cirrótico? Como eu posso ter cirrose? Deus não tem cirrose. Como eu, filho de Deus, a imagem de Deus, posso ter convulsão? Enxaqueca? Imagine Deus com enxaqueca, tomando Cibalena. Então, eu preciso ir buscar fora de mim as causas da doença. Foi desta forma que dentro de uma evolução de um pensamento filosófico aparece a medicina de Galeno. Sob toda uma influência de Avicena e do pensamento árabe, constrói uma nova medicina ocidental, que é essa que nós fazemos. E até hoje isto marca profundamente o pensamento médico e o pensamento dos pacientes.



Prof. Dr. Walter Edgard Maffei e sua esposa D. Marina

Por exemplo: o problema do doente mental de nascimento, do retardado mental, do mongólico, do excepcional, não é ele. O dia que vocês lidarem com mongólicos vão ver que não existe mongólico triste, infeliz. Não existe isso. Todos os mongólicos que eu conheço, com todos que eu lidei até hoje, são pessoas de rara felicidade. De quem é o problema? O problema é dos pais. Os pais não podem aceitar aquele filho. Eles é que tem vergonha do filho. Eles é que tem dificuldade de aceitação daquela doença que é de nascimento. Por que isso? Porque aquilo não pode ser filho deles. Eles, tão perfeitos, como é que podem gerar alguém imperfeito? Eles, tão inteligentes, tão cultos, como é que podem gerar alguém com retardamento mental? Daí vem as proposições da medicina. Nós vamos fazer um exame intra-útero, e se tiver uma modificação cromossômica típica, nós vamos tirar essa criança. Nós vamos abortar essa criança. Nós vamos matar essa criança. Porque essa criança vai mostrar a minha culpa. Vai mostrar que eu sou imperfeito. Vai mostrar que eu não sou aquela perfeição que eu pensava. Então, eu tenho que tirá-la. Porque senão, todos os dias ele vai

me lembrar, porque estará a minha frente todos os dias, lembrando-me do que eu sou. Não é pela criança. Não se faz aborto pela criança. Ninguém diz assim: "Vou fazer aborto porque esta criança é filha de um estupro". A mulher foi estuprada, então, "tenho que tirar esta criança porque ela vai ser infeliz". Quem vai ser infeliz é a mãe que vai lembrar daquele estupro. São os avós que vão ter vergonha da filha e do neto. E não a criança. Porque nenhuma criança é infeliz se ela encontra o amor de seus pais, nenhuma! Por mais feia, por mais torto que seja o nariz, por mais careca que ela nasça, não vai ser infeliz se ela tiver o amor dos pais. É como eu disse a meu cliente: a criança que é filha de um estupro, não é filha só do estupro. Ela é filha da mãe e do pai. "Ah, mas o pai foi um estuprador". Mas a mãe não foi. Então, porque não se mata só a metade da criança. Com isto, com esta maneira de ver as coisas, e isso influenciou de forma muito forte toda a civilização ocidental, desde o Oriente Próximo para cá, os médicos não conseguiram se livrar dessa visão de que a doença é causada de fora para dentro. E se pode ir mais profundamente: "mas a doença é genética", dizem alguns médicos, algumas maneiras de pensar médicas. Então, por exemplo, no mongólico, ela é uma disfunção, ou uma maneira errada dos cromossomos se dividirem. Então é uma trissomia. Mas se você for mais fundo com esse método, ela vai ser causada por alguma coisa lá de fora, uma substância química, o benzeno, uma radioatividade. É alguma coisa que fez com que houvesse aquela trissomia. Mas não são os pais os culpados.

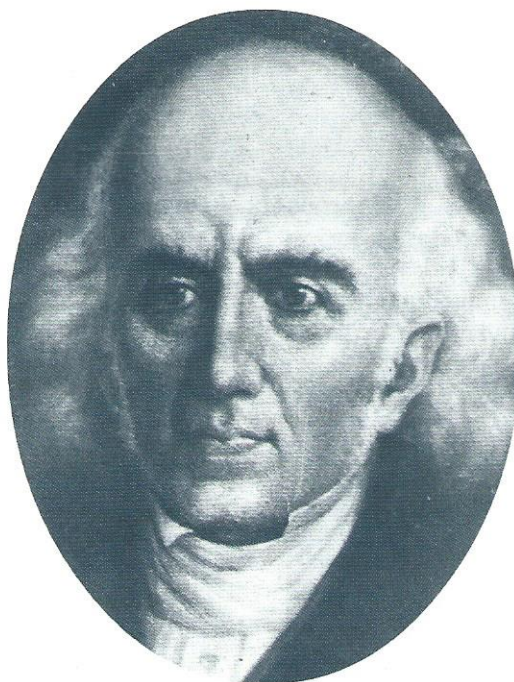
Medicina na Idade Moderna

Isto evoluiu de tal forma, que com a evolução do pensamento científico, que nasce principalmente na fase dos descobrimentos para cá, de 1500 para cá, começam a aparecer os estudos que mostram ou procuram mostrar a existência de partículas como sendo o fundamento da natureza. Nessa fase é ressuscitado de alguma forma o pensamento grego. Mas erroneamente esse pensamento é ressuscitado a partir de Aristóteles, e não a partir de Sócrates e Platão. E, por isso, se esquece da partícula grega. E o único pensador mais moderno que consegue ressuscitar mais profundamente essa partícula grega, não consegue ver o seu pensamento suficientemente conhecido. Leibnitz, que através dos pensamentos das mônadas, mostra que não há uma partícula, que nós chamamos de átomos característica da matéria, mas sim um aglomerado que não é material que seria hoje, como pensamos, energético, e que representa a matéria ou esse corpo, que é o pensamento grego, até pré-socrático, nem

socrático era, mostrando que o átomo, o que eles chamavam de átomo, seria a menor parte que representa aquele indivíduo, ou aquele corpo. Claro que a menor parte que representa o homem é o próprio homem. A mão não representa o homem. Nem a célula representa o homem. É o homem que se representa, dentro da sua condição total de energia, de postura, de vivência, de experiência, inclusive na sua condição hereditária. Mas no início do século XVII aparece esse pensamento atomístico, novo, através da partícula, então tudo passou à partícula. A tal ponto que na biologia se descobre a célula, uma resposta ao pensamento físico. Então, se na física se tem o átomo, nos vamos ter a menor parte da biologia. Qual é a menor parte da biologia? Daí, é claro que o médico não podia ficar atrás e se descobre o micróbio. Então o micróbio passa a ser o representante atomístico da medicina. Então, o micróbio é a menor parte do mal. Ele é o menor mal. E um malzinho. Eu só consigo ver fazendo uma lâmina especial e tal. Mas que vai trazer de fora para dentro todos os males que fazem o indivíduo tornar-se mal. Então, vocês viram que as coisas vão se encaixando dentro desse pensamento. Já no século XIX, mil e oitocentos e alguma coisa, no início do século XIX, quando Hahnemann desenvolve o pensamento homeopático, (vocês sabem que o Organon foi publicado na sua primeira edição em 1810). Nesta época, já a física fugia,

começava a fugir do pensamento corpuscular. Porque eles não conseguiam explicar pela física corpuscular a propagação da luz. Então, alguma coisa havia que não era o corpúsculo, e se desenvolve então o pensamento energético, já naquela época. Hoje, a física é essencialmente energética. Ela foge plenamente da física convencional. Então, hoje a unidade física não é mais a unidade atômica. É a unidade energética. O pensamento físico hoje, é essencialmente energético. Então, a característica da matéria é essencialmente energética. Isto só veio conseguir contaminar a química da Segunda Guerra para cá. Até a Segunda Guerra, a química ainda persistiu corpuscular, que é a molécula. A molécula é a resposta ao pensamento corpuscular. E de repente, se descobre que a molécula não é nada. A molécula é a materialização daquela

potencialidade, é o átomo. Mas a essência da química e a relação energética entre essas materializações. É isso que caracteriza as substâncias. Então por exemplo, a água não se caracteriza pela molécula H_2O , como se pensava no início do século. H_2O não é água. O que é a água? A água é um polímero em que as tensões dessas ligações são características e dão as características à própria substância que chamamos água. Então ela é essencialmente energia. E não H_2O . Se eu fizer só H_2O , eu não consigo água. Mas se a química e a física dão esse pulo da energia, a biologia parou. Não consegui dar esse pulo, e muito menos a medicina. Na medicina, nós continuamos procurando vírus, o vírus do vírus... Então, de repente, desenvolve aí



Samuel Hahnemann

um conhecimento novo, uma forma nova de apresentação, entre aspas, o novo, querendo encontrar o vírus, o vírus da própria AIDS. Se nós não encontrarmos o Vírus, nós não estamos satisfeitos. E quando o indivíduo tem a tal da AIDS e não tem o vírus? Não, mas ele não tem porque a técnica não conseguiu demonstrar. Mas ele tem, seguramente ele tem, não pode ter a AIDS sem o vírus. Então a medicina não conseguiu sair da partícula para a energia. Não conseguiu fazer o mesmo caminho que a química e a física. E o dia que ela sair, ela começa a percorrer os caminhos da homeopatia. Porque a homeopatia tem um pensamento essencialmente não material. Que era o pensamento de Hipócrates. Essencialmente não material.

Dentro da homeopatia, algumas coisas são essenciais ao seu exercício e ao seu conhecimento, uma delas é essa visão não material da doença ou da moléstia, da ação do medicamento e da condição de vida do indivíduo. Isto gera um conhecimento que é chamado de Vitalismo. Uma vez o Maffei estava fazendo uma autópsia lá na Santa Casa de um caso de câncer gástrico. O indivíduo tinha morrido lá com o seu câncer. Eu disse: com o seu câncer. E foi feita a autópsia, foi encontrado lá o tumor, aquela coisa toda e tal. O residente dele perguntou: "professor, coloco como causa mortis o câncer gástrico?" Maffei falou assim: "mas câncer gástrico ele tinha ontem, e estava vivo." Aí o sujeito ficou meio assim, né, o Maffei é meio gozador. A gente não sabe quando ele está falando de gozação ou está falando de verdade. "Professor, então eu penso que ele morreu em desnutrição, caquexia?" "Mas caquético ele estava ontem, estava vivo." Bom, aí o sujeito falou "como é que eu vou preencher a ficha aqui?" E o professor: "Ponha aí, coloque aí na ficha dele: Esgotou-se a vida."

Ou seja, não tinha mais vitalismo, não tinha mais energia vital. O resto estava tudo igual. Ele tinha todos os órgãos, tinha o sangue, estava tudo ali. Esgotou-se a vida. Acabou-se a vitalidade. E é isso que caracteriza o indivíduo vivo. É a falta da vitalidade que caracteriza o cadáver. A perda da vida. Não é por outra razão.

Este conhecimento, este entendimento é essencial para o estudo da homeopatia.

"É impossível exercermos a homeopatia sem sentirmos o Vitalismo. E eu disse SENTIRMOS. Não entendermos, porque o homem não sabe nada, não entende nada, pensa que entende".

Pensa que sabe. É realmente entender do ponto de vista de sentir. Alguma coisa a mais do que o nosso conhecimento é capaz de dizê-lo, caracteriza o indivíduo vivo.

Se algum de vocês já perdeu um ente querido e ficou ao seu lado depois de cadáver, vai sentir o que é isso. Ou já terá sentido o que é isso. Mas não terá entendido. Não há como entender. Nada, absolutamente nada neste mundo somos capazes de entender, de realmente termos conhecimento da essência desse processo. De nenhum processo, físico, químico, biológico, nenhum. Se vocês duvidarem disso, peguem um livro de ciência de 30 anos atrás. É completamente diferente daquilo que hoje nós sabemos como verdade. E se viverem o suficiente, peguem daqui a mais 30 anos. Vão ver o quanto do que hoje é verdade deixou de ser.

Há um conceito homeopático fundamental que é a semelhança. Esse conhecimento está em Hipócrates. Ele escreveu nos aforismos, 2ª sessão, aforismo nº 46: "De duas dores ocorrendo ao mesmo tempo em locais diversos do corpo, a mais forte enfraquece a outra. Ou seja, há uma semelhança entre os sintomas e o mais forte enfraquece o mais fraco. O pensamento da semelhança é um pensamento muito antigo, que vem desde Hipócrates e passa pelo Maffei. De que forma que é expresso pelo Maffei esse sentimento, esse conhecimento dos semelhantes? Na alergia. É pelo jogo entre os semelhantes e os contrários, que nós desenvolvemos toda a teoria alérgica segundo o pensamento do Maffei. E segundo Maffei, toda a medicina, toda ela, se resume nisto: alergia. Seria muito difícil nós expormos aqui, em meia hora, o pensamento do Maffei sobre alergia. Vamos tentar dizer algo para os que estão começando a medicina. Alergia é a explicação que se dá para uma série de processos observáveis. Por exemplo: o indivíduo faz uma cirurgia que é chamada hoje aí de colocação de ponte de safena. Porque o médico está perdendo status, então ele quer se transformar em engenheiro. Então, agora ele constrói pontes. Fazendo pontes ele passou a ter um status mais elevado. Agora ele é doutor e engenheiro. Então, ele cura os indivíduos. Quando o indivíduo tem uma obstrução, em nível coronariano, ele tem uma área do coração, do músculo cardíaco que não está sendo suficientemente oxigenada, porque não vai sangue lá suficientemente, ele vai e faz uma ponte, ele faz um novo oleoduto, não é? Usando a própria veia do indivíduo, ou a própria artéria. Ele conhece das coisas, ele sabe histologia, então, ele deve saber escolher que veia ou que artéria ele vai implantar lá. Vai lá, sutura e o indivíduo passa a ter uma circulação ótima. E se cura. E se cura mesmo, sabe. 60, 65, 70% dos indivíduos se curam. E por que se curam? Será porque realmente está passando mais sangue lá? O Maffei fez uma autópsia de um sujeito na Santa Casa, que tinha ido fazer a tal ponte de safena, e morreu atropelado. Claro que não morreu atropelado por culpa do cirurgião, não é? Não tinha nada a ver. Ele foi atravessar a rua e foi atropelado. E, aliás, o Freud diria que é até um pouco de culpa do cirurgião. Em todo caso, isso é uma conversa mais profunda, pois que nada na Terra acontece sem ser por uma razão muito específica. Mas vamos deixar isso prá lá e vamos considerar que ele já foi para a mesa de autópsia. O Maffei abriu e estava a veia safena suturada em dois pontos errôneos da ponte, ela estava suturada de músculo a músculo, sem ligação com qualquer artéria ou veia do músculo cardíaco. Ou seja, o sujeito tinha feito a ligação de dois pontos musculares, e não tinha nenhuma relação com a circulação cardíaca. Só que na história dele dizia o seguinte: que ele tinha sido operado e tinha sido curado, estava ótimo.

Tão ótimo, que estava andando, normalmente, fazendo todas as atividades dele. Como, se não tinha havido circulação naquela ponte, como é que ele tinha se curado? Então, o chinês dá uma risadinha, aquela risadinha amarela do chinês, diz assim: "vocês não sabem das coisas. Há 2000 anos que na China se faz a cirurgia curativa". Sabe o que é uma cirurgia curativa? Você pega o indivíduo, e abre e fecha no metâmero que ele está doente. Então, por exemplo, eu tenho uma lesão torácica. Uma tuberculose, um enfisema, uma lesão qualquer dentro dessa região do tórax. Eu abro o tórax e fecho outra vez. Não faço nada. Eu abro e fecho. Há 5000 anos mais ou menos, já são descritos casos de

trepanação. Vocês sabem o que é uma trepanação? Abrir um buraco na calota óssea. Já os índios aqui, os Incas, os Maias, os Astecas, já faziam isso. Ora, o indivíduo tinha epilepsia, ou tinha qualquer dessas coisas, abria um buraco e fechava outra vez. E sarava. Não fazia nada lá dentro. Não ia lá e destruía que nem querem os cirurgiões. Vai e destrói o foco da epilepsia, não, não é isso! É abrir o osso da calota óssea e fechar. E sarava. Da mesma forma que sarou esse indivíduo que foi para autópsia e que tinha sua ponte ligada de músculo a músculo. O que cura esses indivíduos? O que cura esses indivíduos é justamente a quebra da causa essencial da doença material, que é a hiperergia. Toda moléstia, ou toda doença, se quiser dizer assim, para não entrarmos na diferença das duas, só existe se existir hiperergia, ou seja, se existir uma alergia, se existir uma condição alérgica de resposta. Quando eu quebro isso, quando eu dessensibilizo o paciente, quando eu tiro dele a possibilidade de tomar conhecimento da alteração anátomo-fisiológica, ele deixa de ter doença, ele deixa de ter moléstia. Quando eu faço uma cirurgia, eu estou anergizando o paciente, eu estou tirando aquela hipersensibilidade dele. E ele sai bem, sai curado. Vocês conhecem um pouco de música, e conhecem possivelmente a história do Bach. O Bach mais famoso, é de uma família muito grande de músicos. O bisavô dele já era músico. A família toda tinha um grande número de músicos, e ele teve muitos filhos músicos também. Bach teve 20 filhos dos quais 5 grandes músicos. E o Bach que nasceu, não me lembro ao certo, mas perto de 1680, é isso, ele era um sujeito muito inteligente, um sujeito de extraordinária genialidade, com uma potencialidade que foi desenvolvida pelo meio de uma forma muito feliz, e foi junto com Haendel. E o Bach, com mais ou menos 60 anos, começou a ficar cego e isso o deixou muito abatido, e havia causas próximas explicáveis até desse abatimento e dessa cegueira dele, mas também não vamos entrar no detalhe, possivelmente com catarata bilateral. E com 64 anos, 63 para 64, ele praticamente estava cego, mas ele ainda conseguia reconhecer uma pessoa não muito distante, com suficiente luz, ainda conseguia alguma coisa com a visão. E aí foi operado por um grande cirurgião inglês, o maior da época, porque o Bach era um sujeito muito famoso, ele foi um dos poucos músicos que conseguiu ficar rico e famoso com a música ainda quando vivo. Então, ele foi operado por esse grande cirurgião, que foi à Alemanha para operá-lo e, na primeira cirurgia, o cirurgião conseguiu que ele ficasse cego de uma vez. Então, ele realmente perdeu o resto da visão que ele tinha. Aí operou ele outra vez. Porque cirurgião é assim, não se conforma. "Alguma coisa estava errada. A minha mão devia ter curado. Então vamos operar outra vez". Operou outra vez e aí ele quase morreu. Aí desistiu, né. Porque achou que ele estava muito velho, que os tecidos não tinham mais condição, etc., etc. É, deixou o Bach lá, cego, o restinho da vida dele. E aí, aconteceu uma coisa extraordinária. Uma das coisas mais bonitas que só o Maffei poderia explicar. O Bach entrou na sua fase final de vida no leito de morte, na sua casa, porque a gente nasce e morre em casa. Não é no hospital, não. Hospital é para dar dinheiro para os médicos. A gente nasce e morre em casa. É o lugar para nascer e morrer. É o lugar do amor. É o lugar de manter relações sexuais. Sabe, a gente não mantém relações sexuais atrás do muro, não. É dentro de casa, é dentro do lar. Naquela condição essencial para a sobrevivência da humanidade. O lar é o altar do amor. Vocês certamente sabem,

"A gente nasce e morre em casa. É o lugar para nascer e morrer. É o lugar do amor".

quem está no 2º ano não tem problema, porque já teve 1 ano de filosofia, porque a gente tem filosofia no curso. Não? No meu tempo também não tinha. Na Antiga Grécia, quando havia um casamento, naquela época se casava uma vez, agora se casa várias vezes. Eu tive 2 casamentos, eu sou ainda um pé rapado. Normalmente se tem 3, 4, 5 vezes. Naquele tempo se tinha um só. Então, o indivíduo casava e levava a mulher para dentro de casa. Então, quando ele ia entrar com a mulher para dentro de casa, ele pegava a mulher nos braços, e entrava. Até há pouco tempo se falava nisso ainda, depois, já não se faz mais isso. Isso por uma razão: é que a mulher nascia outra vez. Então, quando ela entrava para dentro do lar, ela nascia para uma nova vida. Ela nascia para um novo Deus, uma nova família, uma nova maneira de reagir. Tudo para ela começava do zero. Então, era esse o significado. Ela não podia entrar andando. Se ela entrasse andando, era alguém que já vivia. É como alguém que vai nascer, ela entra como se entrasse no mundo novo com o marido. E aí, se acendia o altar na sala principal que era o altar da deusa Lar. Esse altar era acendido pelo marido e era mantido aceso pela esposa. Veja o significado essencialmente profundo disso. O dia que se apagasse o fogo, acabava o casamento. E quem mantinha aquilo aceso? A mulher. Porque o casamento só existe enquanto a mulher quiser que ele exista. Ela é a essência do casamento, é a essência do lar.

Mas, eu estava falando alguma coisa e me perdi para contar esse negócio todo. Ah, a cegueira do Bach. Mas o Bach estava no seu leito de morte, e com sua segunda mulher. Ele era viúvo da sua primeira mulher. Ele teve com sua primeira mulher 7 filhos, e com a segunda, teve 13 filhos. A segunda era bem mais moça do que ele, tinha 16 anos mais ou menos, mas era uma pessoa extremamente dedicada, extremamente entendida da realidade de Bach, da grandeza de Bach, e que acompanhou o Bach assim, par e passo durante toda a sua fase com ele. E no leito de morte do Bach, 2 ou 3 dias antes de ele morrer, eis que ela descreve, ela tinha uma facilidade de descrever as coisas muito bonita, inclusive ela era uma grande compositora, ela descreve que de uma forma completamente inexplicável, o Bach começou a ver outra vez, perfeitamente, como se nunca tivesse tido nada nos olhos. E as lesões? E a catarata? E a lesão cirúrgica? E a infecção? Ele teve uma bruta de uma infecção depois da cirurgia. E as cicatrizes? Onde ficou tudo isso? Ele enxergava, diz ela, perfeitamente, como se nada tivesse com seus olhos. Enxergou mais dois dias, até morrer. Por uma razão: porque ele estava em hiperergia quando doente, a cegueira dele era uma hiperergia localizada no seu órgão de choque, no seu órgão mal formado, no seu órgão embriologicamente sensível, e que, momentos antes da morte se transforma, por uma dessensibilização, numa anergia, numa falta de alergia. E não havendo mais hiperergia não há mais moléstia, e ele estava curado, da sua cegueira. Só que era uma anergia de despedida da vida. Uma anergia de morte. E assim ele morre. Foi uma forma muito bonita, um pouco antes de morrer ainda ditou uma das músicas mais lindas

dele, que a sua mulher escreveu, ele ditando, e aí ele pediu para que ela cantasse alguma coisa, e ela no momento de ele morrer, compôs uma música sobre a morte. Dizendo que a gente não morre, a gente renasce, para uma outra vida, etc. Mas vejam que exemplo extraordinário do que seja doença, moléstia, e do que seja cura. Então ele, que tinha uma lesão gravíssima dos olhos, passou a ver normalmente. Como ficaram as lesões dele? Não tem nenhuma importância as lesões. Como não tem nenhuma importância os micróbios, como não tem nenhuma importância a verminose, como não tem nenhuma importância nada disso que se coloca por aí. O que tem importância é a sensibilidade, é a reação do indivíduo a uma determinada presença de alguma coisa. Que pode ser ele mesmo. Aliás, é sempre ele mesmo. O indivíduo nasce com cirrose. Em um determinado momento da vida, ou em nenhum momento da vida, ele tem uma sensibilidade modificada, em relação a seu fígado, a sua cirrose. O seu momento de hiperergia, e ele descompensa e aí nos vamos descobrir que ele é cirrótico. Mas a natureza já descobriu muito antes, e por isso ele bebe, porque se ele é cirrótico, ele tem dificuldade de aproveitamento dos alimentos. E um dia ele vai descobrir que ele toma álcool e fica ótimo. Claro, o álcool não é trabalhado no fígado. Não tem metabolismo hepático o álcool. Não precisa do fígado. Então, ele se sente muito bem. Ele produz energias fáceis com o álcool. Aí nós vamos fazer psicoterapia para ele sarar. E aí ele morre por falta de álcool. Enquanto o pessoal não entender o que é medicina não adianta. Eles vão ficar tratando o que não existe. Eles vão tratar as lesões dos olhos, e não é a lesão. Eles vão tratar do organismo, do microorganismo, seja lá do fungo, seja lá da bactéria, que não é a causa. Bactéria nós temos aí a dar com pau. Nós todos estamos cheios de bactérias. E se não as tivéssemos, morríamos. Se nós tirarmos todas as bactérias, nós morreremos. Então, não é dar antibiótico que vai curar o indivíduo. É anergizá-lo da sua hiperatividade alérgica, curativamente, positivamente, ou seja sem diminuir a sua qualidade vital. Se nós conseguirmos diminuir a alergia, e manter a vitalidade, o indivíduo se cura. Ele faz uma anergia positiva. Se nós diminuirmos a alergia e quebrarmos o vitalismo, não há Tancredo Neves que consiga se manter vivo. Nunca. Porque não entenderam nada. Depois não adianta chorar. Tem que saber o que fazer na hora. Depois, foi. Então vamos entender um pouquinho sistematicamente o que o Maffei pensa disto. Então, para o Maffei, toda e qualquer doença é uma condição alérgica do indivíduo, em relação a alguma coisa de si mesmo, desencadeada ou não por um processo exterior. Toda condição de saúde, ou de cura, ou de morte, é uma condição de anergia. Ou seja, quando o indivíduo não sente nada de si mesmo. Então, ele não tem alergia por nada de si mesmo. Então, se eu não sinto meu coração, se eu não sinto meu fígado, se eu não sinto meu baço, se eu não sinto minha respiração eu estou bem. De repente, eu começo a ter uma reação alérgica, eu começo sentir, aí eu começo estar doente, ou ter uma moléstia. Se eu dessensibilizo eu curo o indivíduo. E como é que se faz essa dessensibilização? Vocês todos já passaram pela microbiologia, por todas essas cadeiras, então já entendem um pouco do que é uma dessensibilização. Eu trabalho com alguma coisa que é semelhante àquela coisa que desencadeou o processo alérgico. Ou seja, a dessensibilização é feita por um efeito do semelhante. Que é o caminho que o Hahnemann encontrou para chegar da mesma forma, no

mesmo lugar. Então essa noção de semelhantes, e de alergia, é exatamente a mesma noção. Que eu posso fazer sem considerar algumas características que são próprias da homeopatia através de uma sensibilização inespecífica, que o Maffei faz, através do sulfato de magnésio, do ácido clorídrico, do cloreto de cálcio, do hipossulfito de sódio. Ou por uma dessensibilização específica. E como é que eu faço isso especificamente? Através do medicamento homeopático. A homeopatia faz uma dessensibilização específica, ou seja, ela lida especificamente com aquilo que seria uma possível causa. O que é a causa para a homeopatia? É o próprio indivíduo. É a sensibilidade do próprio indivíduo. Não é de fora, é dele. As causas estão aí. É impossível você afastá-las. Ele se tornou sensível. Então eu vou trabalhar com isso dessensibilizando novamente a ele.

Miasmas

Essa sensibilidade do indivíduo, essa nova maneira do indivíduo reagir, que se apresentou agora nele, quando é uma maneira crônica, que não se cura, que acompanha o indivíduo permanentemente, a não ser que ele receba uma dessensibilização específica, é chamada pelos homeopatas de Miasma, isto é, uma condição específica de sensibilidade alterada, uma alergia, portanto, desencadeada de tal forma que a não ser por um dessensibilizante específico, por um tratamento específico, por uma homeopatia específica, ele nunca vai se curar. Pode um alopata fazer o que ele quiser. Não se cura. Esses Miasmas foram plenamente e claramente vistos por Maffei. E o Maffei chama isso de diáteses, que são condições específicas, que não se curam a não ser por um tratamento também específico. Essas diáteses do Maffei são a epilepsia, a diátese hemorrágica, metabólica, a sífilis, a gonorréia, que não se curam, a não ser por um tratamento específico. Então, vocês abrindo o livro do Maffei, vão ler lá: gonorréia acompanha o indivíduo o resto da vida, ela não se cura sozinha. Resfriado se cura sozinho. Gripe se cura sozinha. Gonorréia não cura sozinha. E não cura com antibiótico também. O indivíduo tem uma gonorréia. Toma penicilina e desapareceu. “Estou curado”. Não está curado. Se ele for a um homeopata 20 anos depois, o homeopata dá um tratamento para ele e a primeira coisa que vai acontecer é que vai aparecer a gonorréia que estava escondida, destruindo-o internamente. Estou cansado de ver isso no consultório. Idem para sífilis. Se não for feito um tratamento específico homeopático, não se cura. As vezes nós vemos voltar a sífilis no consultório num paciente que teve sífilis 30 anos antes, 20 anos antes. E tratava. Tratava com antibiótico, com penicilina, direitinho e tal, Wasserman negativado, exames específicos negativados e continua com sífilis. Esses exames são apenas para boi dormir. Ou seja, para médico enriquecer. Não querem dizer absolutamente nada, absolutamente nada. O sujeito pode ter sífilis e ter o exame negativo e pode não ter sífilis e ter o exame positivo. Isso não quer dizer nada, absolutamente nada. Então toma lá o antibiótico, faz o Wasserman, “Ah, negativou, está curado”. Pode tirar o cavalo da chuva. Daqui há 20 anos quando você for fazer um exame dele com homeopatia e der uma medicação específica, a primeira coisa que vai aparecer é voltar a sífilis.

Agravação Homeopática

Isso em Homeopatia nós chamamos de agravações. Sempre que um homeopata vai curar alguém, ele só vai conseguí-lo se antes essa pessoa agravar do seu estado. Ficar mais grave. Só assim ele vai conseguir chegar à cura. Só é capaz de formar imunidade (imunidade é o estado de saúde), quem antes faz aumento da alergia, quem antes faz hiperergia. Ora, se eu tenho uma determinada queixa, uma dor de cabeça, é porque eu já estou hiperérgico, agora eu dou um medicamento específico. E eu quero chegar aonde? Eu quero chegar aqui na alergia baixa, não é isso? Antes disso, a alergia aumenta, ela vai além daquele limite que ela estava. Então você tem mais dor de cabeça ainda. Aí em seguida, ela vai abaixar, e o indivíduo se cura. Ele vai chegar à imunidade. Então diz o Maffei o seguinte: “ninguém se cura sem antes ficar pior, e ninguém morre sem antes melhorar.” É aquilo do Bach. O Bach sarou. É impossível morrer sem antes melhorar, e é impossível se curar sem antes agravar. Sempre. Não há exceções. Isso é exatamente o que põe o Maffei e é exatamente o que nós vemos na homeopatia. Então a gente chama de agravações esses estados em que se agravam as condições do indivíduo, iniciado o tratamento. Então sempre que eu iniciar o tratamento homeopático, o paciente vai piorar. Aí ele vai diminuindo a sua piora, aí ele começa a melhorar daquilo que ele estava, e agora ele está. Então, primeiro ele faz hiperergia, e em seguida vai fazer a cura. Esta visão é essencial. Quando você dá um antibiótico e o indivíduo melhora, melhora, melhora, ele não está se curando. Ele está aprofundando. Sempre que eu der uma medicação e o indivíduo em seguida melhorou, melhorou, melhorou, eu errei o medicamento. Ele vai até pensar que está bem, por um tempo x. Pode ser 1 minuto, 1 hora, 10 anos, não sei quanto, mas ele por dentro está sendo corroído pela doença, e num determinado momento ele pode ficar até mesmo incurável, e vai com isso perder a sua vida. Se eu der um medicamento e a primeira reação é de piora, piora, piora mais um pouco, agora ele começa melhorar, agora eu acertei o remédio, agora eu estou no caminho da cura desse paciente. Então sempre que eu estiver tratando de um paciente, eu não posso esquecer a gangorra que o Maffei põe. Imunidade / alergia. Sempre que a imunidade estiver alta, que é o que eu procuro, a alergia vai estar baixa. Sempre que a alergia estiver alta, ou seja que o indivíduo estiver com a doença mais forte, a imunidade vai para baixo. Quando ele está num estado de equilíbrio, ele está num estado de anergia positiva, quando ele está em anergia, mas negativa para a morte, é porque se quebrou a gangorra. Tanto a imunidade



Hall de entrada do Centro Médico Homeopático David Castro

como a alergia estão lá embaixo. Por isso Bach voltou a ver. A alergia estava baixa, só que ele não tinha imunidade. Então morreu.

O homeopata acompanha o seu paciente através desse esquema. Que são períodos que chamamos de períodos de agravação, que são mais ou menos determinados: com mais ou menos 48 horas do início do tratamento crônico, com mais ou menos 12 dias, com mais ou menos 16, com mais ou menos 26 a 28 dias, com mais ou menos 30 dias. Então quando eu acompanho meu doente, se ele vai fazendo agravações nesses períodos, ele aumenta a dor de cabeça no 2º dia, depois ele vai aumentar no 12º mais ou menos, depois mais ou menos no 16º e assim por diante, eu sei que ele está caminhando para a cura. Certo? Se eu dou o medicamento e ele melhora, passa o 2º dia e ele continua melhor, passa o 3º e ele continua melhor, chega o 4º e ele faz uma reação, eu estou de sobreaviso. Acho que eu dei a ele um medicamento não homeopático. E continuo observando. Se isso continuar dessa forma, de repente ele passa um período melhor, e lá pelo 15º dia ele faz uma reação de agravação da dor de cabeça. Eu dei a ele um medicamento alopático. Ele vai sair da reação desse medicamento ainda pior do que quando ele iniciou.

Há coisas que aproximam o Maffei da homeopatia de forma extraordinária. Nós poderíamos falar aqui muitas horas. Entre elas os sintomas pelos quais nós podemos diagnosticar as doenças verdadeiras, que são as doenças que nós chamamos de miasmas e que o Maffei chama de diáteses. Então quando nós vamos ao Hahnemann as características desses miasmas são exatamente as características que o Maffei

coloca no livro dele como a característica das diáteses. Então, nós vamos ver lá: a epilepsia. A epilepsia tem estas características assim, dor de cabeça tipo enxaqueca, vertigens, escotomas, etc, etc, zumbido no ouvido, uma porção de coisa. Aquilo tudo é exatamente o que o Hahnemann alinha como sintomas do miasma. Exatamente a mesma coisa. E há coisas ainda mais extraordinárias. O Maffei tem uma frase que é, assim, meio folclórica, mas que é muito profunda. Ele diz assim: "Aquele doença que melhora quando eu vou dormir, não existe". Então Hahnemann diz assim: "As doenças que melhoram pelo sono, não são doenças verdadeiras, são falsas doenças". Qualquer um cura. A alopatia cura, o farmacêutico cura, a benzedeira cura, qualquer um cura. O dietista cura, qualquer um, até o médico. As doenças que se agravam quando eu vou dormir, se agravam pelo sono, então como diz o Maffei, a doença que se agrava na sua condição de sono, de repouso, essas são as doenças verdadeiras. Essas são doenças que realmente existem. Essa precisa ser um homeopata para tratar, senão ela não se cura. Essa é um miasma. Essa é uma doença característica do terreno do indivíduo e desenvolvida profundamente. Essa não se cura. Essa é aquela condição que o alopata vai dizer que se desenvolveu uma resistência ao antibiótico, se desenvolveu uma resistência ao anticonvulsivante. Já ouviram dizer isso, não é? O indivíduo tem convulsões. Então dá anticonvulsivantes. Melhora, melhora, melhora, melhora e não melhora mais. Nenhum anticonvulsivante mais consegue tirar a convulsão dele. Então ele diz assim: "é que o indivíduo ficou resistente ao anticonvulsivante". Não é não. É que isto é uma doença verdadeira. E por isso, a partir de um ponto eu não consigo mais fazer nada. Por isso existe tuberculoso crônico por que é que existe tuberculoso crônico se existem antibióticos tão potentes? "Ah, é porque se desenvolve resistência aos antibióticos. Não é isso não. É

"É impossível morrer sem antes melhorar, e é impossível se curar sem antes agravar. Sempre. Não há exceções".

que há tuberculose que é verdadeira e há tuberculose que não é. Tanto que antes do advento do antibiótico se curava a tuberculose. Da mesma forma que se cura hoje, na mesma porcentagem. Como é que se curava tuberculose? Mandava lá para Campos do Jordão, ficava lá de papo pro o ar, comendo bem, sem tensões, tirava um pulmão, tirava um lobo pulmonar, fazia-se uma atelectasia pulmonar. Enfim, havia muitas maneiras para se curar, e não havia antibiótico. Mas também havia casos que eles não conseguiam curar, da mesma forma que hoje há casos que não se consegue curar. Porque são doenças verdadeiras, independente do diagnóstico de tuberculose ou não. Não é isso que caracteriza doença verdadeira. Mas isso não é um conhecimento só do Maffei, nem é um conhecimento de Hahnemann, isso é um conhecimento muito mais antigo. Então eu vou ler para vocês exatamente as mesmas palavras ditas por Hipócrates. Vocês vão ver que é um conhecimento que tem mais de 2500 anos. Então diz o Hipócrates, 2^o sessão dos

aforismos: Aforismo nº 1: "Uma doença em que o sono faz mal, é mortal. A doença em que o sono melhora, não é". Então, quando Hipócrates coloca aqui: aquela doença que melhora pelo sono não é, o não é dele quer dizer o que? Não existe por si mesma. Ela não existe. Não é exatamente o que o Maffei diz? Aquilo que melhora pelo sono não existe. Doença que melhora pelo sono não existe. Só que é exatamente o que está escrito nas palavras de Hipócrates, escritas 400 anos antes de Cristo. E é exatamente a característica fundamental das doenças miasmáticas verdadeiras, que são aquelas que pioram pelo sono, pelo repouso, por condições específicas, que mostram que ela existem por si mesma. Por isso são chamadas na Homeopatia de Miasmas, doenças verdadeira.

Eu dei uma tinta para vocês do relacionamento entre o conhecimento de Hipócrates, Maffei e do Hahnemann. É claro que eu não expus aqui em 1 hora que nós conversamos, o que pensa Maffei na profundidade em toda a sua extensão, nem o que pensa Hipócrates, nem o que pensa Hahnemann. O objetivo, acho que do curso, e eu vim com esse intuito, é de dar a vocês um estímulo para estudarem essas coisas, estudarem Hipócrates. Não faltarem ao pouco que ainda possa o Maffei dar a vocês, já nos seus 84 anos de idade, mas esse pouco deve ser absorvido ao máximo. Estudarem profundamente o seu pensamento, e, no caminhar disto, não se esquecerem de estudar Hahnemann. Vocês vão ver o quanto essas coisas são a mesma. Porque é exatamente aquilo que Cristo diz: a verdade é o que é. E se estas são verdade, elas persistem.

Quando a Homeopatia foi introduzida na França, foi Hahnemann quem introduziu, aos 80 anos já de idade, ela foi proibida pelo ministro da cultura francês. Foi proibida pelo Congresso, lá, pela Assembléia Francesa. E aí o ministro da cultura foi falar à Assembléia, pedindo que não se proibisse a Homeopatia, então ele usou o seguinte argumento: "Se a homeopatia for uma quimera ela desaparece por si mesma. Se ela for uma verdade, não há proibição que a faça desaparecer". Isto porque vocês escreveram aí que houve uma certa dificuldade deste curso ser realizado oficialmente na escola. Mas essa dificuldade é crônica. Sabe, já é a 4^a ou 5^a vez que eu venho aqui e é sempre aqui no Centro Acadêmico. Nunca fui dar aula lá na escola. E acho que se um dia a gente for pra lá, a gente começa a perder um pouco das coisas, porque aqui é o lugar, porque aqui vem aqueles que realmente querem pensar um pouco mais, refletir um pouco mais, buscar um pouco mais daquilo que é, da verdade.

Palestra proferida aos estudantes de Medicina da PUC - Sorocaba em 19/05/1988.

Centro Médico Homeopático David Castro

A Homeopatia, desde que temos notícia no Brasil, tem sido uma corrente da *praxis médica* mais intensamente ligada ao tratamento de doenças crônicas. Não sabemos exatamente se isto se deve ao fato da cultura geral estar mais voltada ao organicismo mecanicista enraizado nas escolas médicas, ou se é pela dificuldade que os médicos sempre sentiram em aplicar exclusivamente a medicina Homeopática conforme o legado de Hahnemann e seu exemplo.

Em São Paulo, no final da década de 70, formou-se o primeiro esboço de um Grupo de Estudos Homeopáticos, tendo como principal organizador o Dr. George Washington Galvão Nogueira que, juntamente com outros colegas interessados no estudo da Homeopatia, faziam reuniões semanais buscando aprofundar-se em seu entendimento. Respaldados pela presença constante do Dr. David Castro, foi crescendo o número de participantes destas reuniões e a troca de experiências, somadas à prática hahnemanniana, resultou na inauguração do 1º Pronto Socorro Homeopático de São Paulo, em meados de 1979.

A partir do ano seguinte, com o substancial crescimento do número de participantes destas reuniões, entendeu-se que se deveria abrir este pronto socorro também para o ensino. Assim, em meados de 1980, o já denominado Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo "Benoit Mure" recebeu sua primeira turma de estagiários que fazia acompanhamento de plantões de 24h, ininterruptos, dando atendimento aos pacientes de todos os médicos componentes do Grupo, fazendo atendimento ambulatorial e eventuais internações, já que haviam 3 leitos disponíveis para tanto.

Em 1981, mudou-se o Pronto Socorro Homeopático para um local bastante mais amplo, que comportava a internação de 12 pacientes, com centro cirúrgico plenamente equipado, e conhecido como Centro Médico David Castro, com uma estrutura hospitalar inédita no mundo, já que era movido única e tão somente por princípios homeopáticos e pela filosofia hahnemanniana, tendo neste



Fachada do Centro Médico Homeopático David Castro

local permanecido, até o final do ano de 1991, aberto ao atendimento dos pacientes de todos os médicos homeopatas. Paralelamente, em continuidade ao estudo da Homeopatia, este período foi marcado por uma intensa revisão da obra de Hahnemann, com apuradas releituras e revisões de tradução, o que possibilitou ao Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo "Benoit Mure" fazer a sistematização do diagnóstico homeopático, tanto para casos crônicos como agudos, e aplicá-la no tratamento médico, com evidente benefício aos pacientes.

Todo este trabalho foi apresentado em Congressos da Liga Homeopática Internacional, Congresso Brasileiro de Homeopatia, na Argentina e no México, tendo provocado bastante impacto e revisões por parte de nossos colegas latinos.

Dentre inúmeros outros trabalhos de igual importância, seriedade e respaldo científico, queremos ressaltar o trabalho feito sobre o Centro Cirúrgico do Centro Médico David Castro, denominado *Infeções Hospitalares: um desequilíbrio ecológico*, que resumidamente apresentava novas propostas para assepsia e anti-sepsia, tendo como resultado ínfimos índices de infecção pós-operatória.

Certamente estas condutas, apesar de documentadas e acompanhadas de perto por microbiologistas, bem como as condutas adotadas, tiveram seus oponentes, aqueles que não concordaram em fazer a homeopatia em suas bases puras, mas graça à força hercúlea e trabalho incansável de George Galvão Nogueira, este Pronto Socorro mostrou aos muitos homeopatas (mais de 1200 médicos brasileiros e estrangei-

ros) que por lá passaram, a força terapêutica da homeopatia nos mais de 20.000 pacientes que lá foram atendidos. Um dos pontos de maior relevo na história do Centro Médico foram as atitudes inovadoras em Obstetrícia. Desenvolveu-se uma técnica no acompanhamento de partos normais de cócoras, respeitando-se a integridade natural da mãe e do recém-nascido, com índice que variava em torno de 12% de cesarianas, sem nenhuma infecção hospitalar, e apenas 01 óbito em todos os 10 anos de funcionamento. Este breve relato do que foi o Centro Médico David Castro não seria completo se não fosse citado também o nome do Prof. Walter Edgard Maffei, que pacientemente recebeu ao longo daqueles 10 anos, além de seus alunos do curso de patologia, as turmas de médicos que estagiavam nas necrópsias. Por diversas vezes tivemos oportunidade de acompanhar suas aulas no Centro Médico, bem como pudemos acompanhar e discutir a evolução de vários pacientes lá

internados e assim, à beira do leito, apreciar o resultado da aplicação do vitalismo de Hahnemann somado, ou melhor, talvez coadjuvado pelo respaldo da visão vitalista que nos passou o Prof. Maffei.

Finalmente em meados de 1991, já funcionando no próprio consultório do Dr. Galvão, o Pronto Socorro Homeopático tinha seus últimos estertores, principalmente motivados pela capitulação daqueles que não conseguiam acompanhar o seu incansável trabalho, e concluindo, segundo palavras do próprio Galvão: o tempo de vida do Centro Médico David Castro foi suficiente para mostrar a todos aqueles que se aplicam em seguir os preceitos de Hahnemann e trilhar o caminho puro do Vitalismo, bem como aos incrédulos, que a homeopatia é uma medicina completa para os tratamentos clínicos dos casos crônicos e principalmente dos casos agudos.

Prof. Maffei Referenda o Centro Médico

Numa das situações mais difíceis por que passou o nosso Centro Médico Homeopático, perseguido pela classe médica em geral, mas sempre apoiado por todos os pacientes que o conheceram, recebemos o apoio incondicional do Prof. Walter Edgard Maffei, conforme carta que nos enviou, que transcrevemos abaixo.

“Tendo tido conhecimento da interdição desse Hospital e de que a mesma se deu essencialmente por discordância doutrinária entre as posturas legais vigentes e referentes a hospitais e pronto socorros e a situação nova que se criou pela oficialização da atividade médica homeopática pelo Conselho Federal de Medicina sem a sua regulamentação a nível de execução hospitalar, devo declarar que a conduta médica adotada pelo corpo clínico desse nosocômio em relação a seus pacientes, bem como sua estrutura física e a conduta médica, científica e ética de seus médicos, dentro dos limites que pude observar, está perfeitamente de acordo com os preceitos de minha experiência de mais de 50 anos de Medicina e de mais de 1000.000 autópsias realizadas, assim como da experiência que obtive e do que ensinei como patologista e diretor do Hospital do Juqueri e professo titular de Anatomia Patológica das Faculdades de Medicina da Santa Casa de São Paulo e de Sorocaba.

Especificamente quero aclarar que estão de acordo com essa experiência e com os ensinamentos da própria história da Medicina e do conhecimento as seguintes condutas desse Hospital e de seus médicos:

1. O uso exclusivo da terapêutica homeopática e da terapêutica de bases alérgicas, não se usando de antibióticos, vitaminas, de anti-inflamatórios ou de outros ditos específicos alopáticos
2. A alimentação e a hidratação por via oral e só em último caso ahidratação por via subcutânea, mas não por via endovenosa
3. A não aspiração e a não oxigenação de rotina dos recém-nascidos.
4. A colocação do Centro Operatório e seu uso assim como dos instrumentos cirúrgicos em perfeitas condições de higiene, mas não a esterilização desses materiais e também, considerando-se ser esse hospital de pequeno porte e seu uso específico, o não isolamento físico da sala de operações das atividades físicas gerais, a não ser apenas o suficiente para manter a perfeita higiene local.

Tendo em vista a necessidade de se manter em funcionamento esse Hospital, como atendimento aos pacientes que buscam o tratamento pela terapêutica homeopática de tão sólidas bases científicas e históricas, faço votos da mais rápida volta ao trabalho de sua equipe médica, assim como dou permissão a que façam desta minha carta o uso que se fizer necessário.

Atenciosamente,

São Paulo, 4 de junho de 1984
Walter Edgard Maffei

Homenagens

Onde esteve, Dr. Galvão soube criar grupos de estudos graças ao seu profundo conhecimento e grande entusiasmo pela Doutrina Hahnemanniana, aliado a um forte carisma pessoal, que fazia atrair para si quem o ouvia, ganhando alguns inimigos e muitos admiradores e amigos, apesar de pouquíssimos terem permanecido ao seu lado nestes últimos 20 anos, pois exigiria o mesmo entusiasmo e enorme dedicação à

Doutrina e aos pacientes, como ele possuía. Transcrevemos abaixo um texto de autoria das Dras. Margarida Maria Vieira e Rosa Maria Souto Afonso, que resume bem o que centenas de homeopatas poderiam dizer a respeito de Galvão e dois textos de pacientes que vivenciaram com ele, intensamente, a verdade da homeopatia.

Fica a homenagem simples, que poderia se multiplicar aos milhares.

A presença do Dr. Galvão em Florianópolis trouxe inúmeros ganhos na nossa prática homeopática e na nossa Escola Homeopática de Viver.

As campanhas de imunização em 1989 com *Meningococcinum C30*, devido a alta incidência de MM tipo B, atingiu 8 municípios catarinenses, sendo distribuídas quase 1.000.000 de doses. Isto se repetiu em 1999 na cidade de Blumenau. Nos dois momentos o Dr. Galvão esteve presente e, de fato, só ocorreu pela sua total e irrestrita participação. A partir daí muitos municípios adotaram a Homeopatia no Serviço Público de Saúde.

Ele nos mostrava como fazer, de forma simples e inteira. Restando a nós estudar e praticar.

- Trabalhou a parte filosófica do todo;
- Desmistificou a Matéria Médica caricaturada. Mostrou-nos como estudá-la, o que se repete nos medicamentos, não importando o local em que aparecem;
- Na repertorização: eleger sintomas específicos, percebendo o que precisa ser percebido em cada paciente, obtendo-se poucos medicamentos;
- Uso de repertórios: Kent/ Boeninghausen (antipsóricos) Desmistificou a impossibilidade de fazer Homeopatia em larga escala.

Deu mais segurança, clareza e tranquilidade diante do paciente: é o que é.

Como um caso deve ser visto e acompanhado: não interpretar. Observar e ver o que tinha para ser tratado. Mediar apenas quando realmente havia a necessidade = visão biopatográfica (consciência do processo evolutivo do ser em si conforme a sua fase da vida).

O que é marca admirável na sua biografia é a atitude de amor e profundo respeito diante das pessoas (do ser) e de doação à homeopatia.

Os conhecimentos homeopáticos adquiridos hoje estão podendo ser repassados por nós a outros colegas, também, baseados no seu exemplo de espírito agregador. Ele não fazia distinção de qual era a sua escola, qual o seu grau de conhecimento, nunca se colocando numa posição diferen-

ciada. A cumplicidade era outra atitude registrada na sua vida. Ele tinha uma forma bonita de passar todo o seu conhecimento, material bibliográfico a que teve acesso (nos dava com muito carinho)

Tudo o que orientava/praticava era imbuído de conhecimento prévio profundo

A prática era simplificada por conceitos e suas inter-relações como:

- Doenças ocasionais/estilo de vida do indivíduo;
- Estudou o processo de funcionamento de todos os órgãos e sistemas do corpo, nas suas particularidades e no seu conjunto. Somou a isto os estudos imunopatológicos do Prof. Dr. Walter Edgar Maffei, possibilitando uma linguagem atual comum entre a Homeopatia e a Alopática;
- A importância da alimentação, do ritmo e das potencialidades individuais;
- Bem antes do termo ser conhecido já praticava com maestria a Multidisciplinaridade;
- A sua formação em Saúde Pública lhe permitiu trazer significativa ajuda em relação a interação microorganismos/homem; e, como as campanhas de vacinação são feitas em períodos de declínio. Como estes procedimentos (vacinação sem critérios redimensionados) traz sobrecarga ao SER (Sistema Reticulo Endotelial), pois este ainda não teve contato com o agente e já está tendo a solicitação à resposta. Trouxe-nos conhecimento atualizado de vacinose;
- Soube a diferença do que é agudo do que é crônico;
- Respeitou o tempo de atuação de cada medicamento, a força reativa do organismo, o cuidado para não repetir ou dar novo medicamento sem necessidade tanto nos casos agudos como nos crônicos;
- Importante: visão hahnemanniana do Organon, do significado dos antipsóricos, os miasmas segundo Hahnemann (acesso as Doenças Crônicas). Para que inventar a Homeopatia, se todo o pensado foi dito e praticado com bons resultados, tanto que ela sobrevive até hoje.

Observa-se que em todos os aspectos da atuação do Dr. Galvão a consciência, a confiança no poder do indivíduo reacionar e aí está incluída a possibilidade a adaptar-se as mais diversas agressões (conceito bastante utilizado na Psiconeuroendocrinologia).

Dr. Galvão foi um marco por ter nos trazido a alusão praticada do simples... do cristalino, que está escrito e transcrito; e que é também "invisível aos olhos, só se pode ser visto com o Coração"... O SER VIDA!

*Dra. Margarida Maria Vieira
Dra. Rosamaria Souto Alonso*

Obrigada, muito obrigada...

Dr. Galvão, querido amigo, orientador e grande médico! Como fazem falta sua presença, sua competência e sua sabedoria!

Nos nossos vinte e tantos anos de convivência foram muitas horas de papo franco e aberto, muitos telefonemas a qualquer hora do dia, fosse ele santo ou não, mesmo durante a noite. E você até reclamava, quando eu não o chamava de noite respeitando o seu sagrado direito de repouso.

Foram quatro as gerações das quais você cuidou em minha família.

Minha mãe, que faleceu aos noventa anos e meio, teve com oitenta e cinco um terrível glaucoma acompanhado de forte uveíte, e, como constatou o oftalmologista, um princípio de descolamento da retina e uma catarata incipiente. Você não só a curou, como deixou o olho afetado em melhores condições do que o outro. - Na ocasião da morte de meu marido eu voltei-me em desespero a você: "Galvão, ele morreu!". E você com sua calma e certeza, disse: "mas ele não sofreu!". Como foram confortadoras essas palavras; no mesmo instante eu elevei meus pensamentos a Deus, agradecendo do fundo do coração...

E assim você sempre esteve presente nas horas difíceis, também quando a filha e o genro não estavam bem e os netos apresentavam problemas. Quanta segurança a sua presença capaz nos passou!

Quando você, meu amigo, solicitou minha ajuda em textos alemães de homeopatia eu não me senti honrada, como feliz em poder colaborar para tão nobre causa.

Graças a sua providência e para nossa sorte você deixou sucessores à sua altura, que saberão levar adiante os seus ideais com igual dedicação.

Um dia nos veremos de novo, meu querido amigo, e aí eu vou poder dar-lhe aquele abraço de gratidão que não pude mais lhe dar em vida

Prof^a. Célia de Vasconcellos Koermandy

Balada para um Amigo...

Pois é:

Os médicos, também, morrem...

Ainda que tenham o conhecimento da vida;
Ainda que busquem a sabedoria;
Ainda que vivenciem a fé dos justos;
Ainda que busquem a Luz,
Os médicos, também, morrem.

Ainda que levem uma bandeira especial
Para o mais alto dos montes;
Ainda que saibam
Que deles, dependem muitas vidas;
Ainda que sofram
Com o sofrimento de tantos,
Os médicos, também, morrem.

Ainda que tenham, como ninguém,
Um coração forte
Para presenciar a transformação
Da existência em cada dia;

Ainda que se auto-superem
Nas pedras da caminhada,
Os médicos, também, morrem.

Pela Ordem Divina,
Na infinitude do espaço cósmico,
Um novo letreiro luminoso, surge,
Envolto no perfume da saudade:
George Washington Galvão Nogueira
Médico
Mais um grande colaborador do Pai
Na Eternidade...

P.S. E, meu amigo, ali estará e auxiliará
A todos os que, cumprindo sua missão terrena,
estejam passando... daqui ... para lá...

Prof^a. Eutherpe Bartelega



HOMEOPATIA “BENTO MURE”

Não é Farmácia de Manipulação
É Farmácia Homeopática

- Dinamizações hahnemannianas
- Embalagens apropriadas
- Seriedade
- Honestidade
- Tradição

De 2ª a 6ª das 8:00 hs. às 21:00 hs.
Aos sábados das 8:30 hs. às 14:00 hs.
Rua Olavo Egydio, 379 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02037-010
Tel.: (0xx11) 6977.9005